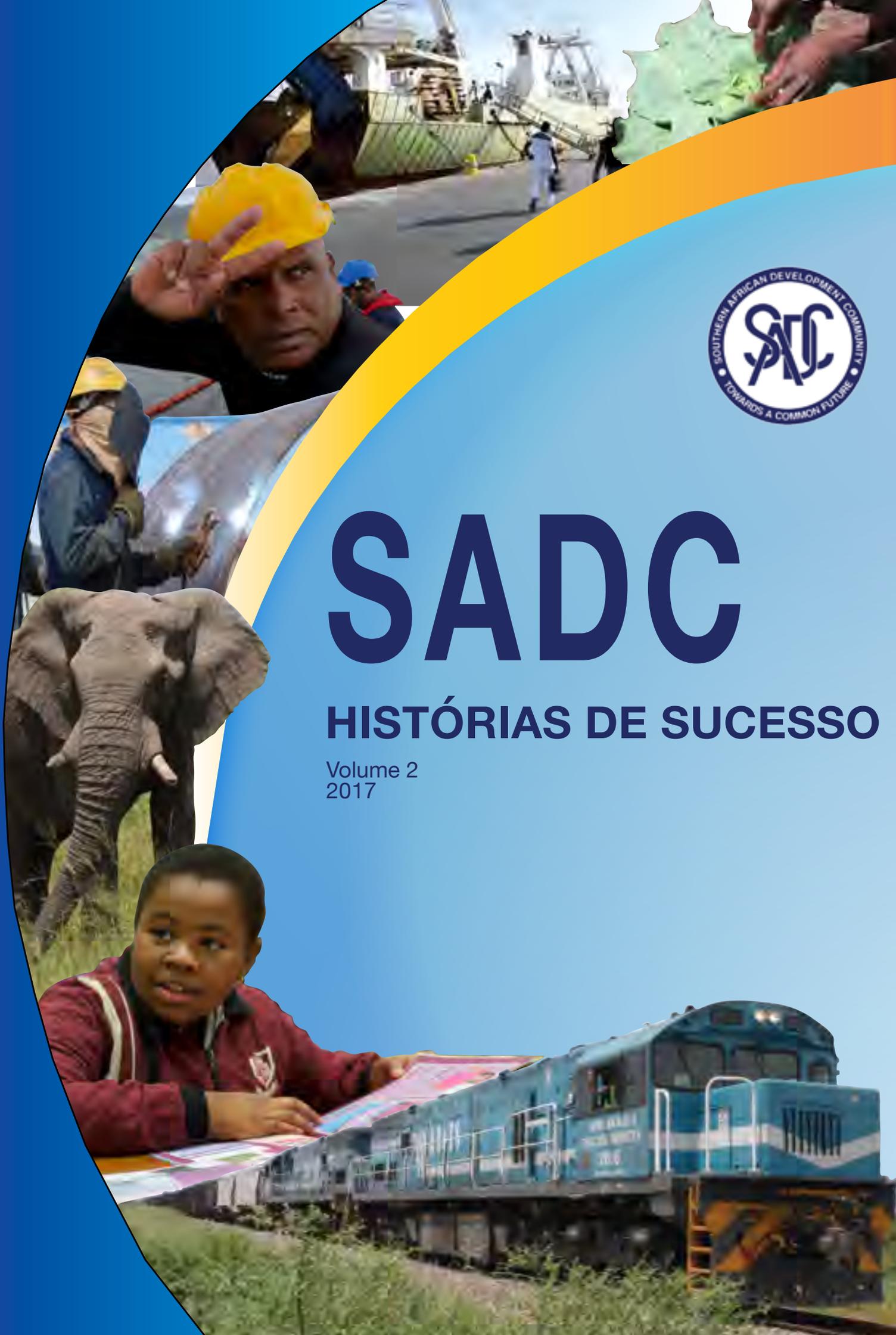




SADC

HISTÓRIAS DE SUCESSO

Volume 2
2017



ISBN 978-99968-448-7-4

Visão SADC

A visão da SADC é a de um Futuro Comum, um futuro dentro de uma comunidade regional que irá garantir o bem-estar económico, a melhoria dos padrões de vida e qualidade de vida, a liberdade e a justiça social, e paz e a segurança para os povos da África Austral.



Mensagem da Secretária Executiva da Secretaria da SADC

A integração regional não é apenas crítica e importante, mas é uma ferramenta e uma estratégia necessária para o desenvolvimento. A integração regional, em palavras simples, é sobre cooperação e economias de escala. Os Estados Membros da SADC concordaram em cooperar juntando seus recursos juntos e implementando projetos transfronteiriços com maior impacto e mais benefícios para seus cidadãos. Alguns desses projetos são apresentados nesta segunda edição das Histórias de Sucesso da SADC.

A SADC Success Stories Edition é uma das nossas ferramentas de comunicação para alcançar os cidadãos da SADC e aumentar a conscientização sobre os impactos positivos dos nossos protocolos, acordos, políticas e estratégias. Em 2016/17, uma equipa de especialistas percorreu a região da SADC para recolher histórias que destacam as conquistas e os sucessos registrados na implementação da agenda regional de desenvolvimento e integração da SADC. As histórias cobrem realizações na infraestrutura, comércio e industrialização, mudanças climáticas, finanças, paz e segurança, gestão de água, agricultura e setores de conservação transfronteiriça.

A missão da equipa incluiu viagens por via terrestre, marítima e aérea, a fim de pintar uma imagem precisa de como os programas de integração regional da SADC estão mudando a vida dos cidadãos da SADC para melhor.

Apenas para destacar alguns, no rio Zambeze, eles viram a construção da Ponte Kazungula que em breve constituirá uma importante via de transporte no coração da região da SADC. No Malawi, eles aprenderam sobre o tomate Bvumbwe, que foi desenvolvido para abordar as condições específicas desta região e as necessidades da população da SADC. E na Baía Walvis da Namíbia e Nacala de Moçambique, eles viram dois pontos de entrada para a crescente rede de corredores de desenvolvimento ao lado da qual a região da SADC se desenvolverá nas próximas décadas. Estes e outros sucessos de integração regional são documentados usando filmes, fotografias e histórias de texto. Juntamente com esta publicação, os curtos vídeos serão divulgados dentro da região e além para mostrar nosso sucesso.

Esta produção foi possível graças ao apoio do Ministério alemão de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (BMZ) através dos seis programas implementados pela Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH como parte da Cooperação Alemã para o Desenvolvimento com a SADC.

A primeira edição da “SADC Success Stories”, lançado em 2015, alcançou mais de um milhão de cidadãos da SADC através da brochura impressa, vídeos e mídias sociais. Através desta segunda edição, esperamos informar mais cidadãos da SADC sobre os benefícios da agenda de desenvolvimento e integração da SADC e a importância de os Estados membros se reunirem em torno de uma agenda comum.

Essas histórias refletem a SADC no momento em que a integração regional já está adicionando valor incalculável à vida de todos os cidadãos. Com o foco renovado dos Estados Membros na industrialização e no desenvolvimento de infra-estrutura regional, entre outras prioridades, nossos esforços e compromissos conjuntos farão o caso da integração contínua da região da SADC.



Julho de 2017

Dr. Stergomena Lawrence Tax
Secretário Executivo SADC





conteúdo

Comércio: Construção de Pontes para o Desenvolvimento Económico	3
Consolidação do Processo de Paz: O Doce Cheiro da Paz	7
Agricultura: Alimentar a Região Com Um Tomate de Cada Vez	11
Transporte: Porta de Entrada para o Futuro da SADC	15
Industrialização: Fortalecer o Comércio	19
Finanças: Ultrapassar as Barreiras Bancários	23
Águas: Compartilhamento do Ouro Branco da SADC	27
Infraestruturas: Uma Viagem para o Desenvolvimento	31
Turismo: KAZA Desenvolve e Nutre o Turismo da Região	35
Mudanças Climáticas: Combater as Alterações Climáticas em Conjunto	41



Construção de Pontes para o Desenvolvimento Económico

Os trabalhadores da construção no posto fronteiriço de Kazungula estão a fazer mais do que a construção de uma ponte sobre um rio – estão a construir uma ponte para a integração regional com a promessa de um crescimento económico maior.

Em ambos os lados do Rio Zambeze, centenas de caminhões estão na fila para atravessar a fronteira de Kazungula entre Botswana e Zâmbia. Olhando para o oeste está a Namíbia, olhando ao leste Zimbabwe. É uma rota popular e é uma que está prestes a ficar ainda mais movimentada com a construção da nova ponte de Kazungula já em curso.

Anteriormente, só podiam atravessar dois os camiões de cada vez na fronteira usando uma das duas balsas. O período de espera para fazer a travessia podia levar até três dias. Isso se transformaria em cinco dias e mais, se uma das balsas estivesse avariada. A nova ponte promete reduzir o tempo de espera em cerca de duas horas.

Desde que a Zona Livre de Comércio da SADC foi introduzida em 2008, o comércio intra-SADC explodiu. Agora, todos os dias, caminhões e comboios viajam pelo comprimento e amplitude da região da SADC,

permitindo que os bens circular da RDC para a África do Sul e do Oceano Índico para o Atlântico.

O Protocolo da SADC sobre o Comércio reconheceu há muito a necessidade de facilitar o comércio nos países da SADC. É uma ferramenta fundamental para estimular o crescimento económico e combater a pobreza na África Austral. Isso compromete os Estados Membros da SADC para eliminar barreiras tarifárias e não tarifárias, o que, de outra forma, prejudicaria a livre circulação de mercadorias em toda a região.

Na primeira década após o Protocolo do Comércio entrar em vigor em 2000, o comércio intra-SADC aumentou 155%, passando de US \$ 13,2 bilhões para cerca de US \$ 34 bilhões. Agora, a Ponte Kazungula, no fundo do coração da SADC, se tornará um proeminente pilar para acelerar ainda mais a expansão do comércio entre os Estados Membros.

“Estamos bem instalados aqui, melhor do que onde estávamos.”

Grace Mwashekabo
Anciã Vila de Lumbo



Em conformidade com o Protocolo do Comércio, o Plano Diretor de Desenvolvimento de Infraestrutura Regional (RIDMP) facilita o desenvolvimento de infraestrutura transfronteiriça, transparente e económica. O RIDMP é parte da Visão de Infraestrutura da SADC 2027, de que o transporte é um dos seis pilares. A travessia em Kazungula foi uma das ligações que faltava para a realização do Corredor Norte-Sul identificada pela RIDMP.

A ponte de Kazungula é central para o corredor como aliviará elevados volumes de tráfego na região, facilitará o comércio, estimulará o crescimento económico na área e além e ajudará a preparar a região da SADC para o crescimento da população prevista de 72 milhões de pessoas até 2027.

Isso foi identificado como um projeto fundamental no plano de desenvolvimento regional da SADC; a ponte agora está encabeçada pelos governos de Botswana e da Zâmbia. Isso implica substituir a balsa de Kazungula por uma Ponte Rodoviária e Ferroviária de

930 m, com postos fronteiriços de uma única paragem para qualquer direção.

Johannes Labuschagne, motorista de caminhão Sul-Africano, que por sete anos tem cruzando a fronteira para o transporte de cobre da Zâmbia para a África do Sul, diz que o projeto é uma iniciativa interessante. O seu maior desafio era com as avarias das balsas. Quando isso acontece, causava regularmente um engarrafamento no tráfego de 5kms, resultando em enormes atrasos para motoristas de caminhão, como ele.

“Nós, como transportadores, sentimos o maior peso porque quando você deveria fazer dois carregamentos por mês, você só pode fazer um. Portanto, o seu volume de negócios é reduzido pela metade”, diz Labuschagne.

Ele em particular aguarda com expectativa a introdução dos postos fronteiriços de uma paragem: “Uma vez (o seu caminhão) está despachado, segue em frente, carimba o seu passaporte e segue direto para o cliente. Portanto, isso vai ser um grande bonos para nós.

Uma paragem fronteiriça será posto em ambos os lados da ponte para que os motoristas parem apenas uma vez no seu ponto de entrada ou de saída. Depois de passar pela alfândega, o motorista dirige direto para o próximo país. Isto elimina a duplicação de processos e reduz tempo, desse modo crescente a utilização do veículo e a tripulação.

A ponte, que é estimada em US \$ 259,3 milhões, é financiada conjuntamente pelos governos do Botswana e da Zâmbia e deverá ser concluída até 2018.

O Presidente da Zâmbia, Edgar Lungu, em uma visita

Protocolo da SADC:

O comércio melhorado é fundamental para a integração regional. Para o efeito, o Protocolo sobre o Comércio foi assinado em 1996 para liberalizar o comércio na SADC, reduzir as barreiras entre os países e estimular a produção e o desenvolvimento económico. Ao longo dos anos, isso levou à eliminação de barreiras tarifárias e direitos de exportação e importação, que culminou com o estabelecimento da Área de Livre Comércio da SADC.

a Kazungula em fevereiro de 2017 para verificar o andamento da ponte, disse: “Se Zâmbia e Botswana tiverem sucesso, haverá mais comércio na região e além.”

Presidente Lungu disse que o projeto, não foi somente para Botswana e Zâmbia. “Destina-se a convidar e estimular investimentos de fora para que os africanos possam começar a comercializar entre si,” ele disse.

A construção da ponte de Kazungula já criou empregos e oportunidades de aprendizagem de habilidade. Uma unidade de treinamento móvel foi criada em 2013 no lado de Botswana para treinar os artesãos semiquualificados, necessários para a construção da ponte Kazungula e outros projetos de infraestrutura.

Financiado pelo Ministério dos Transportes e Comunicações do Botswana, a unidade treinou mais de 700 artesãos semiquualificados incluindo pedreiros, ladrilhadores e carpinteiros. O Presidente de Botswana Ian Khama, orgulhosamente observou que dois terços daqueles treinados pela unidade conseguiram garantir empregos.

Isso também foi observado pelo Conselheiro do Programa Tripartido da SADC para a

Facilitação de Transporte e Trânsito, Lovemore Bingandadi: “A construção da ponte tem criado novas oportunidades económicas para os locais e as principais firmas de construção. Abertura da ponte vai certamente avançar a facilitação do comércio e transporte.”

Outro benefício imediato do projeto foi o bem-sucedido reassentamento dos moradores de Botswana para proximidades de Lumbo. A comunidade deles tem observado um crescimento exponencial desde que foram investidos mais de US \$ 4 milhões para reassentar a aldeia e reembolsar as pessoas afectadas. Uma vez ao lado da principal estrada que leva ao posto fronteiriço, agora a vila está situada a poucos quilómetros de distância.

O ancião da aldeia Lumbo, Grace Mwashekabo lembra-se quando eles tiveram que buscar água do Rio Zambeze e alguns viveram em casas cheias de lama. Hoje há 34 famílias da nova aldeia que vivem em novas casas com eletricidade, água corrente e uma escola.

“Estamos bem instalados aqui, melhor do que onde estávamos,” disse Mwashekabo.

Alguns moradores também



A data de conclusão é 2018

foram empregados como trabalhadores pelo Projecto Ponte de Kazungula. E muitas mulheres na área são comerciantes informais que estão a vender para o elevado número de pessoas que atravessam diariamente o Rio Zambeze. Quando a ponte for concluída, o aumento esperado no tráfego significará mais clientes potenciais para eles também.

“A ponte icónica permanece como um monumento para a integração regional, pois é mais do que uma ligação física entre dois países”, diz Bingandadi. “É um veículo para o Comércio, Transporte e Movimento de Pessoas.”



O Projeto Ponte da Kazungula proporcionou oportunidades de trabalho à comunidade

O Doce Cheiro da Paz

Quando a SADC interveio para apoiar os esforços de paz em Madagascar, os seus esforços foram realizados no espírito local de fihavanana, que destaca o parentesco e o respeito mútuo entre todos os malgaxes.

O negócio do senhor Hugues Rotoarimanana são comprar plantas, ervas e outras matérias-primas de Madagascar e as transforma em óleos essenciais. Canela, cravo, Ylang-Ylang e plantas raras como katrafay – que só pode ser encontrada em Madagascar – são carregadas para caldeiras, para que a sua essência seja extraída e utilizados para infundir óleos para os produtos acabados vendidos aos clientes europeus do Rotoarimanana.

Mas em 2009, o então negócio de dois anos enfrentou o seu maior desafio: uma crise política que transformou o malgaxe de cabeça para baixo, perturbando a ordem social e política. Por causa da instabilidade no país, os investidores internacionais de Rotoarimanana, se retiraram do negócio, deixando o seu sustento em perigo.

“Antes tivemos revoltas, mas 2009 foi muito diferente,” diz Rotoarimanana. “O golpe realmente foi uma coisa má, porque primeiro derrubaram um presidente democraticamente eleito, e segundo o fizeram pela força. Tínhamos famílias para alimentar mas, então de repente não há negócio. Era um desastre.”

Tudo começou depois de uma disputa eclodiu entre o então presidente e um líder da oposição, levando a um período de intenso conflito e confusão, até que a oposição tomou o poder inconstitucionalmente em março de 2009. Muitos temiam que Madagascar estivesse a beira da guerra civil.

“Os políticos tentavam instigar as tensões entre a população de Madagascar,” diz Mahamadou Ndriandry, Presidente da Plataforma Nacional das Organizações da Sociedade Civil.

“Uma guerra civil nunca aconteceu aqui. Malgaxes são muito próximos. Você só teria uma guerra civil se houvesse tensão extrema.”

Na tentativa de retornar a região à paz e à estabilidade, os organismos internacionais,

defendidos pela SADC, começaram a exercer pressão sobre o governo inconstitucional.

“SADC tem um conjunto de processos e mecanismos destinados a lidar com situações que ameaçam a paz e a estabilidade na região,” diz Jorge Cardoso, Diretor do Órgão da SADC sobre Política, Defesa e Cooperação de Segurança.

“Funciona a nível de Chefes de Estado. Há um chefe de estado que é nomeado anualmente para seguir os processos políticos na nossa região. A resolução pacífica de conflitos é uma das principais premissas para abordar situações que ocorrem nos nossos Estados Membros”, diz Cardoso.

O órgão foi estabelecido por meio do Protocolo sobre Política, Defesa e Cooperação de Segurança em 2001. O protocolo afirma o compromisso da SADC para a estabilidade regional com o objetivo de “proteger as pessoas e salvaguardar o desenvolvimento da região contra a instabilidade decorrente da quebra da lei e da ordem”.

Em março de 2009, após o golpe inconstitucional, a SADC suspendeu a filiação de Madagascar. A União Africana, os Estados Unidos e outras partes da comunidade internacional suspenderam a ajuda para Madagascar. Três meses mais tarde, a UA e a ONU suspendeu seus esforços de mediação, citando a falta de vontade de ambos os lados para uma reconciliação.

Uma semana depois, a SADC despachou o ex-presidente de Moçambique Joaquim Chissano como líder de uma equipe encarregada de mediar um processo de paz e criar um roteiro para a resolução da crise.

“Quando Chissano veio, ele veio com a mentalidade de não só trabalhar com organizações da sociedade civil, mas também para ouvir o que tem sido feito aqui no terreno, o que está a acontecer,” diz Rasolo Andre, uma ex-diplomata e, agora, professor de Sociologia política na Universidade de Antananarivo.



“A SADC foi a porta que levou o povo malgaxe a entender que eles vivem no continente Africano e que eles não estão sozinhos.”

Rasolo Andre
Ex-diplomata e, agora,
Professor de Sociologia política na
Universidade de Antananarivo



Jorge Cardoso, Diretor do Órgão da SADC sobre Política, Defesa e Cooperação de Segurança

“É importante porque quando permitiram que o povo malgaxe participasse da tomada de decisões, eles reforçaram a sustentabilidade dos resultados. Além disso, eles vieram aqui para facilitar o processo. Eles estavam envolvidos como facilitadores, mas deixando a abordagem malgaxe a ter lugar em todos os momentos,” acrescenta.

A intervenção da SADC levou à criação de um roteiro, que enfatizou que a paz precisava ser restaurada. Isto levou à criação de um processo de diálogo nacional que veio a ser chamado de mallgacho-malgache (malgaxe com o malgaxe). Com apoio da SADC, que eventualmente levou

a um acordo de que as eleições pacíficas teriam lugar em 2013, no qual nenhum ex-presidente poderia participar.

O período de perturbação terminou quando, em dezembro de 2013, Rajaonarimampianina Bohémier foi eleito para a Presidência. As eleições foram declaradas livres e justas pelos observadores internacionais. No mês seguinte, Madagascar foi reintegrado como membro da SADC e os auxílios internacionais voltaram à ilha.

Dirigindo-se ao Conselho de Paz e Segurança da União Africana, o Secretário Executivo da SADC, Dr. Stergomena Lawrence Tax, disse na época: “A SADC apela a União Africana, as Nações Unidas e outros organismos semelhantes a saudar os passos positivos que Madagascar fez através das recentes eleições pacíficas, transparentes e justas e poupar nenhum esforço para garantir que a democracia e o estado de direito sejam reforçados na África Austral”.

Andre atribui o sucesso do processo de paz em grande parte ao conceito de fihavanana. Fihavanana originário da palavra



Mahamadou Ndriandry diz que a sociedade malgaxe é muito próxima

Protocolo da SADC:

Protocolo na Política, Defesa e Cooperação de Segurança foi assinado em 2001 em reconhecimento da necessidade de estabilidade como um pré-requisito Para o crescimento da África Austral. Isso levou à formação de uma das partes mais importantes da SADC, o órgão de política, defesa e segurança. O órgão trabalha com os Estados membros para promover a paz na região e promover a estabilidade para as gerações atuais e futuras.



As empresas prosperam novamente

malgaxe, havana, que significa parentes, e enfatiza o parentesco de todo o povo malgaxe e a crença de que o mal causado a outros refletirá eventualmente sobre o autor.

“Foi realmente bom a SADC ter trabalhado com a UA, porque isso deu ao povo malgaxes a confiança de que elas não são apenas esta ilha, que têm irmãs e irmãos e fazem parte da África”, diz Andre, o ex-diplomata.

“A SADC foi a porta que levou o povo malgaxe a entender que eles vivem no continente Africano e que eles não estão

sozinhos.”

Com as próximas eleições que se realizarão em 2018, a esperança é que Madagascar manterá sua estabilidade no futuro. Por enquanto, a paz provocada pelas negociações permitiu que o povo malgaxe pudesse reconstruir. Os investidores ganharam confiança novamente para retornar ao setor privado.

Para Rotoarimanana, a paz permitiu que o seu negócio recuperasse a sua força. Perto de Antananarivo, na fábrica de um de seus fornecedores, uma

pilha de canela queimada deixa um cheiro suave nas instalações - as caldeiras produzem mais uma vez óleos raros únicos para Madagascar.

“Quando a palavra da reconciliação nacional começou a se espalhar, as pessoas sentiram-se seguras,” diz Rotoarimanana. “Isso deu mais confiança aos investidores e o negócio começou a crescer.”

Acrescenta o empresário, “apenas um dos meus fornecedores agora fornece trabalho para milhares de pessoas.”



Hugues Rotoarimanana em uma das suas plantas

Alimentar a Região Com Um Tomate de Cada Vez

A introdução de duas novas variedades de tomate no Malawi e nas proximidades de Moçambique poderia ajudar a impulsionar a Segurança Alimentar e fornecer soluções locais para adaptar-se às alterações climáticas e atender às necessidades de nutricionais.

Os dois tipos de tomate orgulhosamente exibidos num mercado em Blantyre – são redondos, gordos e vermelhos. Esse novo tomate de cultivo local estão a emergir como uma das maneiras muito importante e eficazes, na qual a SADC está a impulsionar a segurança alimentar na região.

Denominado após a estação de pesquisa de Bvumbwe, localizada ao sul de Blantyre, no Malawi, as novas variedades de tomate estão denominadas de Bvumbwe 1 e Bvumbwe 2. A área é bem conhecida pelas suas encostas férteis.

A introdução das variedades que têm um maior valor nutricional reuniu organizações governamentais e não-governamentais, incluindo o Centro de Coordenação de Pesquisa e Desenvolvimento Agrícola na África Austral (CCARDESA), SADC, governo do Malawi e horticultores, agrónomos e outros especialistas. A iniciativa surgiu da Política Agrícola Regional da SADC.

Cerca de 70% da população

da região depende da agricultura para alimentação, renda e emprego. A agricultura também é uma importante fonte de exportações para vários Estados Membros, contribuindo, em média, com 13% para o total de receitas de exportação e 66% com o valor do comércio intra-regional.

Em 2007, o Conselho da SADC encarregou a Secretariado da SADC a priorizar a segurança alimentar e a gestão de recursos naturais e ambientes transfronteiriços. Juntamente com essas, três outras áreas formam o foco principal da SADC na agricultura: na produção agrícola, produção de gado e informações sob a forma de base de dados. O Programa de Produção Agrícola dos Países da SADC e o Plano de Desenvolvimento Estratégico Indicativo Regional até 2020 fornecem orientação estratégica adicional. Até 2020 fornecem orientação estratégica adicional.

Todos estes instrumentos de política recebem crédito pelos desenvolvimentos em Bvumbwe, que resultaram na adoção de

variedades de tomate altamente nutritivo.

Os tomates Bvumbwe são tolerantes a doenças e têm uma longa vida útil, tornando-os mais adaptados aos efeitos das alterações climáticas e adequados para o comércio transfronteiriço por empreendedores com recursos pobres.

O Diretor Executivo em Exercícios do CCARDESA, Dr. Simon Mwale, próximo do Secretariado da SADC em Gaborone, Botswana, mostra outra vantagem dos tomates Bvumbwe: Eles têm níveis mais elevados de vitamina A que o tomate normal.

“Você pode obter vitamina A de produtos de origem animal e vegetais, que ambos podem estar longe do alcance de famílias comuns de baixa renda na região da SADC,” ele diz. “O tomate é um ingrediente principal na culinária, em todos os níveis da sociedade. E com estas variedades de tomate, você pode fornecer extra vitamina A extra para o grupo de famílias de menor renda no país. É uma grande vantagem para a nutrição da população.”



Há muito que o Malawi batalhou contra a deficiência de vitamina A, o que provoca crescimento retardado e grandes defeitos de crescimento. O Malawi tem o quinto maior índice de atraso de crescimento no mundo, com 53% das crianças menores de uma idade que sofrem deste defeito de crescimento, de acordo com o Banco Mundial.

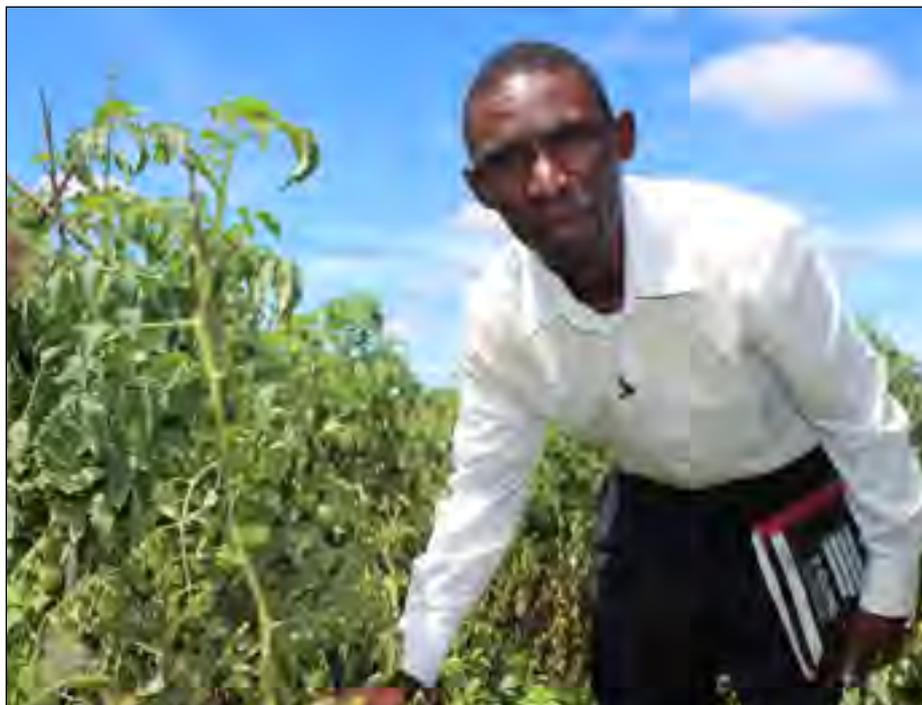
Aqui é onde os resultados da estação de pesquisa Bvumbwe fazem uma diferença real. Administrado por Thomson Chilanga, a estação desenvolveu as duas novas variedades para prosperar nas condições específicas do Malawi, Moçambique e Zimbábue.

“A área é propícia para um número de plantações. Os agricultores gostam de cultivar diferentes tipos de plantações e o governo está a enfatizar a diversificação. Em nossa pesquisa, pensamos também sobre o mercado e o que as pessoas querem,” Chilanga diz.

A sua plataforma de pesquisa e inovações inclui toda a cadeia de alimentação – desde os agricultores até os agentes de extensão, grossistas, retalhistas e centros de distribuição. Esta abordagem de pesquisa participativa, facilitada através de CCARDESA, torna possível para todos os actores principais identificar e resolver os desafios ao longo da cadeia de valor juntos.

O tomate já é uma história de sucesso regional: A semente está a ser distribuída aos vizinhos agricultores em Moçambique e os agricultores do Zimbábue começaram a plantar as variedades Bvumbwe 1 e Bvumbwe 2.

“Nós já vimos alguns empresários e consumidores em Moçambique a ir ao Malawi e nós os relacionamos com os



Jonathan Matebule, presidente do Grupo Challenge Project

agricultores da aldeia de Lukya em Thyolo, portanto, agora há uma troca de produtos, que foi bem-vinda pelos agricultores locais”, diz Chilanga.

Ele acrescenta que os agricultores locais, agora, “estão a alimentar os estudantes, os pacientes do hospital e até os prisioneiros. Estes vários mercados devem ser ligados aos comerciantes agrícolas, ao pessoal de extensão e aos agricultores. Isto leva a sustentabilidade através do

desenvolvimento de tecnologia de agricultura.”

Uma vez que é estabelecida uma plataforma de inovação, os cientistas recuam e os agricultores assumem a gestão de todo o processo. Esta nova abordagem foi promovida e apoiada no âmbito do ‘Sub-Saharan Challenge Programme’ liderada pelo Fórum de Pesquisa Agrícola em África a nível continental e coordenado pela CCARDESA, uma subsidiária da SADC, na África Austral.



Agnes Jakaramba cultiva o solo dela na vila de Lukya

“O tomate é um ingrediente principal na culinária, em todos os níveis da sociedade. E com estas variedades de tomate, você pode fornecer extra vitamina A extra para o grupo de famílias de menor renda no país. É uma grande vantagem para a nutrição da população.”

Simon Mwale
Diretor Executivo em Exercício do CCARDESA



Programa da SADC:

A agricultura continua a ser a principal fonte de nutrição, emprego e renda para 61% dos cidadãos da SADC. A sua importância fundamental estabeleceu o Programa de Produção Agrícola Multipasse da SADC (SADC MAPP) em 2008. A SADC MAPP é um programa de quinze anos, dividido em três fases de cinco anos. O objetivo do MAPP é melhorar a pesquisa agrícola, inovação e disseminação tecnológica e as ligações entre as instituições agrícolas da região da SADC.

O fazendeiro Jonathan Matebule é o presidente do ‘Challenge Project Group’ em Lukya, uma aldeia em cima de uma colina com vista para o ponto mais alto em Malawi, a montanha de Malanje.

“Os pesquisadores vieram com um número de variedades, mas o Bvumbwe respondeu melhor,” diz Matebule. “Depois de ter sido treinado pelos cientistas, plantei essa safra”, ele diz, apontando seus tomates, que logo se tornaram a inveja de outros agricultores.

“Os nossos meios de subsistência melhoraram, devido as receitas das vendas desse tomate Bvumbwe. Por causa disso, agora posso pagar propinas escolares. Comprei vacas leiteiras e porcos e agora posso alimentar a minha família devidamente”, acrescenta Matebule.

Antes do programa, a maioria das crianças na aldeia não ia à escola. Agora, a matrícula está a 100%, na qual a comunidade liga diretamente à renda das vendas de produtos agrícolas, especialmente o tomate Bvumbwe.

A mudança também é evidente nas casas da aldeia. Onde anteriormente eram feitos de barro e palha, graças a novos lucros que agora estão construídos de tijolos e com telhados com chapas de zinco. Alguns habitantes das aldeias até se atualizaram de bicicletas para motorizadas, que lidam melhor com os terrenos acidentados.

Matebule não é o único que viu a sua aldeia a mudar.

Agnes Jakaramba começou o dela como um trabalhador agrícola nos terrenos de outras pessoas. Hoje ela é dona de sua própria fazenda de um hectare na qual ela cultiva legumes. “Nós irrigamos no início da manhã, depois (novamente) no final da tarde. Eu também fertilizo o meu campo. “É uma vida difícil, mas agora eu sou a minha própria chefe e estou a me sentir bem, ela diz.

Em Blantyre, o apoio também vem de lojas concentradas no setor agronegócio.

Austin Banda, gerente de operações num deles, diz:

“Estamos no mercado há cerca de 20 anos, fornecendo apoio técnico desde sementes até a colheita. “Começamos com uma saída e agora temos sete, diz ele.

A loja da Banda em Blantyre está movimentada com agricultores e outros clientes com a compra de produtos químicos, sementes e adubo juntamente com pequenos implementos e bombas.

O Dr. Mwale da CCARDESA está enfático acerca do sucesso do humilde tomate.

“Isto é um sucesso por três razões: Em primeiro lugar, melhora a pesquisa agrícola entre os Estados Membros da SADC, em segundo lugar, incentiva as inovações que fluem de um país para outro e, em terceiro lugar, incentiva o comércio intra-regional “.



Porta de Entrada para o Futuro da SADC

A reestruturação multimilionária do Porto de Walvis Bay abre novas oportunidades para o comércio regional.

“É uma coisa diferente todos os dias”, diz Immanuel Hango, de pé na doca e sorridente num guindaste, transportando contentores de uma fila de caminhões para um navio a espera.

Desde que ele era uma criança crescendo no norte da Namíbia, tudo que o Hango queria era ser engenheiro. Em 2016, ele foi um dos 100 jovens líderes africanos que viajaram para os Estados Unidos para se encontrar com o presidente Barack Obama. Agora ele é um dos engenheiros que trabalha na Namport, autoridade portuária da Namíbia, a construir o futuro do seu país.

Walvis Bay tem como objetivo tornar-se a porta de entrada preferida para alguns países da SADC sem litoral. A condução desta iniciativa é um investimento maciço em infraestrutura na região, incluindo USD 300 milhões em melhorias para os corredores que ligam Walvis Bay para o resto da SADC e uma atualização de USD 2,3 bilhões para o existente porto de Walvis Bay.

“O plano mestre do porto que analisa esta nova área (e) que identificou a necessidade do porto servir, não apenas a nossa pequena população na Namíbia, mas a totalidade da SADC”, diz Elzevir Gelderbloem, Secretário Executivo da Namport.

“Desde a independência, a Namíbia serviu como o centro de logística da SADC cada vez mais a cada ano, mas a questão sempre foi o espaço”, afirma Gelderbloem

Namport espera que o porto de Walvis Bay atualizado pode servir a SADC para os próximos 50 anos. As atualizações irão duplicar a quantidade de mercadorias que fluem de e para a SADC através do porto.

Fase 1 do upgrade é um terminal para graneis líquidos com um espaço para dois navios cisternas, o que acabará por se conectar a uma fazenda de reservatórios de 100 hectares onde os bens serão armazenados antes de serem enviados para toda a região da SADC. Em seguida, um terminal de gás natural liquefeito irá ser construído de modo a alimentar uma prevista estação de energia, seguido por um terminal a graneis secos para lidar com a importação e exportação de mercadorias de toda a região. Ao mesmo tempo, Walvis Bay está a expandir o seu terminal de contentores.

Aumentar o comércio em toda a região é dos objetivos do Protocolo da SADC sobre Transportes, Comunicações e Meteorologia e o Plano Estratégico Indicativo de Desenvolvimento Regional da SADC. Melhorar a infraestrutura de transporte através das fronteiras também é um foco fundamental do Diretor de Desenvolvimento de Infraestrutura Regional, que projeta que o tráfego dos portos da SADC passarão de 92 milhões de toneladas em 2009, para 500 milhões até 2027.

Estes volumes só podem ser alcançados se os Estados Membros continuarem a facilitar o comércio através das fronteiras regionais.





Os melhoramentos duplicarão a capacidade do Walvis Bay Port

“A integração regional é uma ferramenta, e é uma estratégia muito importante para o desenvolvimento,” diz Dr. Stergomena Lawrence Tax, o Secretário Executivo da SADC. “Através do nosso regime de livre comércio, eliminamos as tarifas, de modo que dentro da SADC você obtém um mercado maior para seus produtos, mas também pode competir com produtos de fora da região”, diz Dr. Tax.

A Zona de Comércio Livre da SADC, que entrou em vigor em 2008, baseia-se no Protocolo da SADC sobre o Comércio. O protocolo visa liberalizar as relações comerciais entre os Estados Membros, estimular o ambiente de investimento e estimular o crescimento económico.

O Diretor Executivo da Namport está profundamente consciente da dimensão regional do porto de Walvis Bay.

“A motivação comercial para este porto são as relações para obter produtos de e para a SADC. Os corredores rodoviários em torno do porto estão atualmente em excelentes condições e há planos para atualizar esses corredores com ligações



Fase numero um, terminal de gás natural líquido

ferroviárias. Dessa forma, serviremos a região da SADC,” diz Gelderbloem.

O porto está localizado ao longo de quatro corredores principais de desenvolvimento. A leste ele se conecta ao Corredor Trans-Kalahari, que é a rota preferida para produtos sensíveis ao tempo indo para Botswana e África do Sul. Ao norte, o corredor de Trans-Cunene serve o sul de Angola, e ao sul, o corredor Trans-Oranje, que atende aos centros de mineração e agrícolas da África do Sul. O corredor Walvis Bay-Ndola-Lubumbashi ao Nordeste atravessa a Zâmbia, criando uma rota comercial de extrema importância para bens de e para copperbelt da Zâmbia

e Lubumbashi, a segunda maior cidade da República Democrática do Congo.

“Lubumbashi é um país sem litoral. Nós não temos ligações diretas com os portos (congoleses) em Banana ou em Boma”, diz Kabash Munung, Diretor de Desenvolvimento de Negócios do Grupo do Corredor de Walvis Bay (WBCG) em Lubumbashi. “Mas nós usamos Walvis Bay como a nossa porta de entrada para o oceano, onde podemos importar materiais de mineração e carga geral, como produtos de supermercado e alimentos congelados.”

O desenvolvimento e a manutenção da infraestrutura do corredor que liga Walvis Bay ao

“O plano mestre do porto que analisa esta nova área (e) que identificou a necessidade do porto servir, não apenas a nossa pequena população na Namíbia, mas a totalidade da SADC.”

Elzevir Gelderbloem
Secretário Executivo da Namport



Estratégia da SADC:

O Plano Diretor de Desenvolvimento de Infra-estrutura Regional (RIDMP) é a espinha dorsal da visão da SADC para o futuro. Pretende desenvolver e manter a infraestrutura de transporte na região e para harmonizar políticas no transporte. A chave para isso é a capacidade dos Estados Membros de implementar reformas de transporte e garantir um financiamento sustentável para a manutenção e provisão de infraestrutura. O RIDMP também busca estimular o desenvolvimento econômico promovendo Parcerias público-privadas e promoção de corredores de desenvolvimento regional.

resto da SADC são impulsionados pelo WBCG. Fundada em 2000, o mandato do grupo é se envolver no desenvolvimento de negócios, promovendo o porto de Walvis Bay como uma rota comercial viável para que bens entrem e saiam da SADC.

“A nossa postura sempre foi essa, como o provérbio africano, você come um elefante pedaço por pedaço”, diz o CEO Johnny Smith. “Nós levamos para avaliar e entender nossos vizinhos. E somente depois, nós desenvolvemos relações e acordos”.

Em 2004, o WBCG liderou uma iniciativa para construir

uma ponte em Katima Mulilo, ligando a Namíbia com a Zâmbia como parte do corredor Walvis Bay-Ndola-Lubumbashi

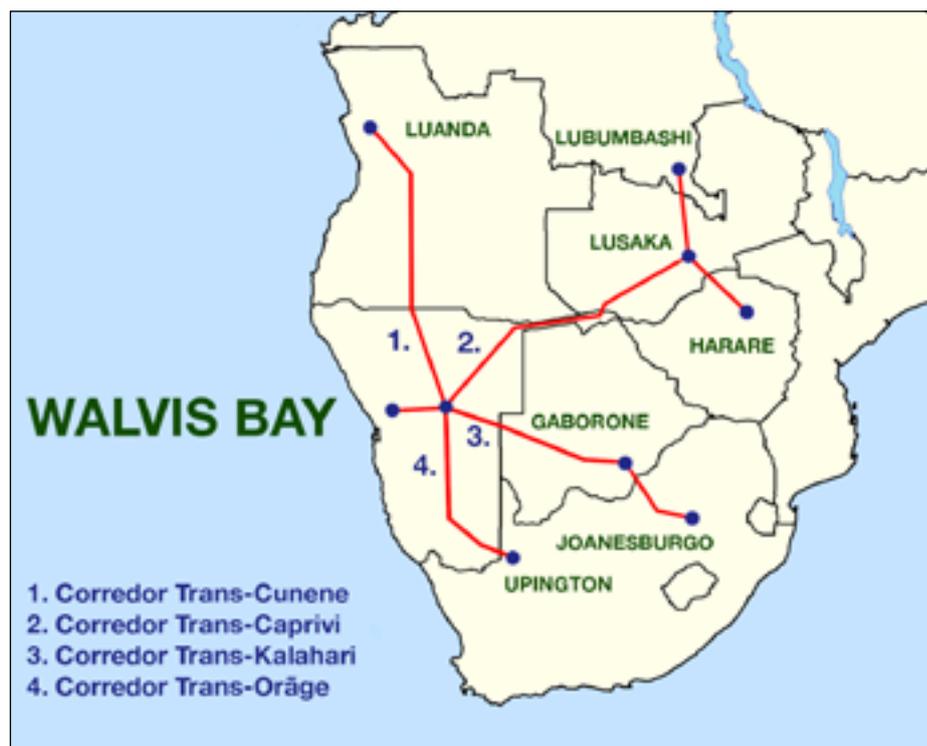
“É quase como o se estivesse a desenvolver um armazém para a SADC através de Walvis Bay. Se você olhar para o Brasil e o resto da América do Sul, que leva 20 dias para chegar aos centros econômicos do mundo, mas leva sete dias para um navio do Brasil chegar a Walvis Bay, e somente nós é que podemos fazer isso”.

Em Walvis Bay, as ruas estão vivas com a indústria, já que a antiga estrada que liga Walvis

Bay com Swakopmund nas proximidades está a passar por uma reparação de US \$ 75 milhões. A nova via dupla será principalmente para o uso de serviços de transporte pesado da Walvis Bay e deverá estar concluída em 2018.

Para o engenheiro Hango da Namport, o futuro – para o porto e para a região – é brilhante.

“Esta renovação toda está a ser construída em torno da ideia de ser a porta de entrada para SADC”, diz ele. “Se você voltar dentro de alguns anos, vai ser a Singapura da África.”





Fortalecer o Comércio

As iniciativas da SADC têm impulsionado o comércio entre os Estados Membros e o resto do mundo, uma tendência que deve continuar com foco renovado na industrialização regional.

Na África, o tamanho do seu rebanho relaciona-se diretamente ao seu valor financeiro e social. Manter o gado para a produção de carne e couro contribuiu há muito tempo para as indústrias formais e informais, na maioria dos países da SADC. Percebendo essa força, a Estratégia de Industrialização da SADC propõe o crescimento do rebanho da região e, portanto, riqueza de todas as pessoas. A criação do rebanho envolve a ligação facilitada entre comerciantes de gado, carne e couro nas fronteiras da SADC e uma articulação estratégia conjunta de exportação.

Botswana, África do Sul, Zâmbia e Zimbabwe já beneficiam da demanda global por bens de couro, como sapatos, bolsas e assentos de couro para veículos de

luxo. O crescimento deste sucesso é um dos objectivos da SADC.

Desde que o Protocolo de Comércio da SADC foi assinado em 1996, a liberalização das importações e exportações entre os 15 Estados Membros tem multiplicado os fluxos comerciais mutuamente benéficos dentro da região da SADC e impulsionou o investimento. Ao mesmo tempo, os Estados Membros se esforçam para as políticas que fornecem incentivos para investir na região.

Através de sua Estratégia de Industrialização, um ambicioso plano-piloto para o desenvolvimento industrial da região nas próximas cinco décadas, a SADC pretende continuar o sucesso do Protocolo de Comércio e outras iniciativas de comércio.

Uma delas é uma ação direta que beneficia os comerciantes de gado vivo.



Feedlot proprietário de Werner Faber

Em 2012, os agricultores apontaram que o Botswana só emitiu licenças de importação e trânsito de gado em Gaborone, a 1 000 quilômetros de distância dos postos fronteiriços que ligam os seus matadouros com os países vizinhos de criação de gado. Com o apoio da SADC, Botswana decidiu também emitir licenças noutros lugares em todo o país.

Os efeitos foram sentidos imediatamente por milhares de comerciantes de gado, na Zâmbia e Zimbabwe. A longo prazo, essa mudança está a contribuir para o crescimento e o desenvolvimento da indústria de couro regional.

O comércio regional mais fácil permite que empresas locais tenham acesso às melhores contribuições disponíveis em vez de adquirir tudo em casa – seja alimentação de gado, bezerros

ou couro tratados. A colaboração regional consiste em realizar e combinar a força individual de cada país e se mudar como uma região mais forte.

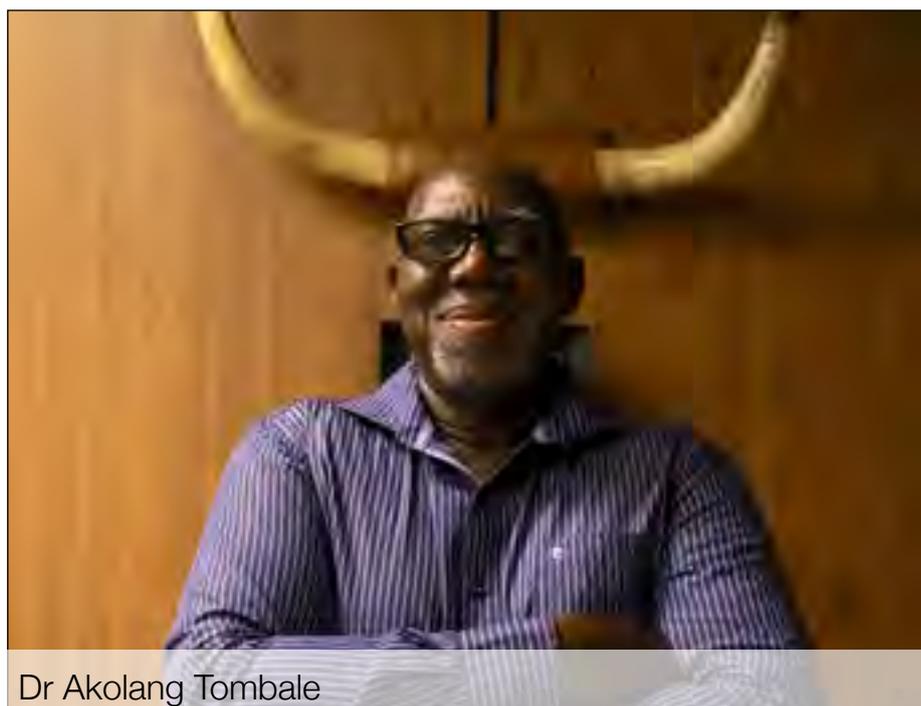
O impacto positivo destas iniciativas tem sido imediato para os comerciantes. A Comissão de carne do Botswana (BMC), por exemplo, fez planos para expandir as relações locais e internacionais, diz CEO Dr. Akolang Tombale.

“A BMC é um das três principais empresas de carne na África que exportam para a Europa. Nós somos o maior, seguido pelas empresas de carne da Namíbia e Suazilândia. Em 2013, por exemplo, enviamos 6.000 toneladas (de carne) para a Europa e em 2016 foi de 10.000 toneladas de carne e couro. Isso constitui cerca de 53% de nossa receita,” diz Tombale.

O BMC é também o maior produtor de couro na região, representando 75% do couro da mais alta qualidade. A sua força de trabalho cresceu algumas dezenas a vinte anos atrás para bem mais de 500 hoje.

“Temos um crescente comércio de couro cru na África do Sul, onde eles estão a usar na indústria automobilística, vestuário e outros consumíveis”, diz ele.

Um beneficiário é a ‘Handel Street Upholsteres’ em



Dr Akolang Tombale



“Primeiro nós nos providenciamos, agora exportamos para lugares como a União Europeia.”

Arekipo Modise
Funcionário de relações públicas
Comissão de carne do Botswana



Joanesburgo, África do Sul. A Handel produz interiores de automóveis de alta qualidade para clientes em toda a região.

O Diretor de Marketing, Ashraf Ismail diz que a indústria está a crescer exponencialmente: “Aumentar a preferência do consumidor pela adaptação de veículos com estofos em couro é ainda maior o crescimento do mercado através do canal de mercado de reposição”.

Enquanto a qualidade do couro de Botswana é usada, os compradores desses produtos podem ser de mais longe. “A Nigéria deverá ser o maior consumidor de couro para interiores automotivos no continente, florescendo o crescimento do mercado mundial de couro automotivo interior”, diz Ismail.

E a indústria do couro já se beneficia de uma forte integração regional a um nível prático: O BMC compartilha uma empresa de marketing com os vizinhos da Namíbia, o que ajudou a crescer as vendas para os dois países fora da África.

Esta é uma boa notícia para aqueles na indústria. Em

Gaborone, o proprietário do confinamento Werner Faber diz que as habilidades locais estão a ser usadas para produzir e fabricar uma variedade de alimentos para os rebanhos locais.

“Através do apoio da indústria, temos algumas centenas de funcionários. Há muitos aspectos positivos e as coisas parecem grandes para o futuro,” diz Faber.

O emprego criado por empresas ligadas à carne e couro é vital para a economia do Botswana.

De volta à fábrica de processamento de carne, há um homem que acredita implicitamente na indústria de carne do Botswana. Arekipo Modise começou como um guarda de segurança na fábrica de BMC em 2002 e agora é o funcionário de relações públicas.

“Nós podemos ver imediatamente a partir da quão valiosa a carne é, e depois é adequadamente certificada. Primeiro nós nos providenciamos, agora exportamos para lugares como a União Europeia”, diz ele, orgulhosamente apontando os selos certificados da UE ao lado da carne, dentro da fábrica de processamento.

É uma relação que tem sido cada vez mais aprofundada pelo acordo de parceria económica da SADC-UE, assinado em junho de 2016 entre a UE e Botswana, Lesoto, Moçambique, Namíbia, África do Sul e Suazilândia. O acordo mantém todas essas exportações para a União Europeia livre de impostos e apoia os países participantes da SADC em cumprir os padrões da UE necessários para obter os selos exigidos.

Para os cidadãos da SADC como Modise estas iniciativas regionais, combinadas com a produtividade empresarial, tem tido impacto real nas suas vidas.

Estratégia da SADC:

A Estratégia e Roteiro de Industrialização da SADC 2015-2063 reconhece a necessidade da transformação estrutural da região da SADC através da industrialização, modernização, atualização, desenvolvimento de capacidades, ciência e tecnologia, fortalecimento financeiro e integração regional mais profunda. Promove uma mudança estratégica da dependência de recursos e mão-de-obra de baixo custo para aumentar o investimento e aumentar a produtividade do trabalho e de capital.



 **FDH Bank**

Ultrapassar as Barreiras Bancárias

A iniciativa da SADC para a banca regional tem ajudado os Estados Membros a melhorarem os seus sistemas bancários e ampliar o acesso dos cidadãos da região.

O setor bancário permaneceu fora do alcance de milhões de cidadãos da África Austral, levando os reguladores e os bancos a trabalharem mais para garantir que mais do que alguns privilegiados se beneficiem dos serviços bancários.

Muitas pessoas em áreas rurais da região poderão nunca ver o interior de um banco. As estatísticas divulgadas pelo Banco do Estado das Maurícias, por exemplo, mostram que até 80% da população adulta africana não está bancada por uma série de razões.

O Protocolo da SADC sobre finanças e investimento, assinado em 2006, aborda alguns desses desafios. Ele visa acelerar o crescimento, o investimento e o emprego na região através de uma maior cooperação, coordenação e gestão das políticas macroeconómicas, monetárias e fiscais. Também funciona para estabelecer e manter a estabilidade macroeconómica, como condição prévia para um crescimento económico sustentável e para a criação de uma União Monetária na região.

Uma iniciativa para maior integração financeira foi a introdução do Sistema de Liquidação Eletrónica Regional Integrada da SADC (SIRESS) como uma solução de pagamento transfronteiriço. Todas as moedas da SADC, incluindo o dólar norte-americano, foram aprovadas pelo Comité de Governadores dos Bancos Centrais como liquidação no SIRESS.

De acordo com a Secretária Executiva da Associação Bancária da SADC, Maxine Hlaba, o

sistema está a pagar em toda a região.

“Agora temos 83 participantes no SIRESS composta por 76 bancos comerciais e sete bancos centrais. Quatorze países estão agora disponíveis ao vivo no SIRESS e continuamos a trazer mais bancos”, diz Hlaba.

Ela acrescenta: “No final de abril de 2017, o número total de transações liquidadas pelo SIRESS era de 733.597, representando um valor de US \$ 244.7 bilhões”.

Existem também benefícios locais, uma vez que a associação bancária trabalhou para apoiar os bancos nos Estados Membros a alcançar níveis necessários de prestação de serviços para se juntarem e promover a inclusão financeira.

Em Malawi, por exemplo, o desafio de levar as pessoas para o sistema bancário não é apenas económico, mas também de percepção. Os cidadãos acreditam que as instituições de tradicionais são apenas para os ricos, de acordo com o Diretor Executivo do Instituto Bancário, Lyness Nkungula.

“Cerca de 75% das pessoas do Malawi têm acesso a telefones móveis, o que significa que temos de chegar às populações que não usam as instituições bancárias através de telefones móveis”, diz ela, acrescentando que definitivamente existem oportunidades de expansão.

Todos os dez grupos bancários do Malawi estão a adotar novas tecnologias. Como membros da SIRESS, eles reconhecem a necessidade de se concentrar na maioria da população que ainda não possui contas bancárias formais.



O negócio de banca móvel é grande em Malawi

O Instituto de Banqueiros no Malawi está a trabalhar em estreita colaboração com o sector financeiro para utilizar a tecnologia impulsionada pelo telefone celular para adicionar milhões de novos clientes. O Reserve Bank of Malawi (RBM) publicou diretrizes para serviços financeiros digitais e redigiu a Lei de Sistemas de Pagamento e Dinheiro de E-Money para orientar o setor financeiro.

Nkungula diz que os banqueiros em Malawi estão cientes de que o SIRESS é vital para permitir que a nação continue a desenvolver: “Nós decidimos nos juntar à SIRESS em outubro de 2015 porque somos uma família dentro da região da SADC e pensamos que, se estivermos de fora, então seríamos excluídos em termos de tecnologia. Isso se tornaria um desafio para nós negociarmos com os outros países da região”.

Malawi se juntou a Angola, Botswana, RDC, Lesoto, Namíbia, Maurícias, Moçambique, Seicheles, África do Sul, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábwe - que fazem parte da Associação Bancária da SADC

constituída em 1998 - no processo SIRESS.

A Associação de Bancos da SADC fornece uma plataforma regional de liderança bancária para a direção estratégica e para promover e transformar toda a região num único bloco económico. A sua criação foi vinculada à necessidade de uma federação de associações bancárias como a interface em assuntos relacionados à integração financeira regional em geral e em particular o Protocolo de Finanças e Investimento da SADC.

Nkungula diz que o Malawi apoia SIRESS totalmente e agora, os bancos no seu país podem se concentrar no crescimento baseado nos seus clientes, não apenas entre os cidadãos locais mas, mais longe também.

“Não podemos trabalhar como uma ilha; Temos de trabalhar uns com os outros, porque existe muita negociação transfronteiriça com os países vizinhos – é uma das principais razões por que aderimos a SIRESS. Observamos que o volume de comércio transfronteiriço cresce de 10% para cerca de 30%, o que significa

uma maior dependência da banca intra-regional”, diz ela.

As parcerias entre bancos e não bancos têm crescido, de acordo com Nkungula. Através de tais acordos, os bancos são capazes de oferecer produtos para além de pagamentos de contas e atividades de remessa como poupança, crédito e seguros.

“A percepção no Malawi de que bancos são somente para os ricos está a mudar, e a tecnologia e inovação irão ajudar a acelerar este processo,” diz Nkungula. “Temos dez grupos bancários e uma população de aproximadamente de 17 milhões. Destes apenas cerca de 30% são financiadas, significa muitos bancos competem por poucos clientes.”

À medida que a nova tecnologia se torna mais amplamente adotada, haverá um aumento no mercado móvel bancário. “De momento, nem todo banco tem banco móvel, mas essa é a direção na qual devem ir,” diz Nkungula.

Um grupo da população que notou novos serviços bancários móveis são os cidadãos com deficiência. Agora eles podem acessar fundos e movimentar dinheiro sem ter que viajar, muitas vezes com grande dificuldade, para um banco real.

Stella Nkonya, Directora Executiva dos Direitos Humanos de Malawi para Meninas com Deficiência, diz que as novas tecnologias bancárias ajudaram a organização e seus membros.

“As pessoas com deficiência se beneficiam de não esperar nas filas do banco ou se esforçam para percorrer longas distâncias para um banco”, diz ela. “O Sistema Bancário Móvel é simples e fácil; prático e imediato.”

O custo das transações de dinheiro móvel também é mais barato. Nkonya acrescenta: “Se

“Cerca de 75% das pessoas do Malawi têm acesso a telefones móveis, o que significa que temos de chegar às populações que não usam as instituições bancárias através de telefones móveis.”

Lyness Nkungula
Diretor Executivo do Instituto Bancário



Clientes bancários esperando para mover dinheiro

“Se você quiser movimentar dinheiro usando outros sistemas, você precisa pagar uma taxa de serviço, mas com o banco móvel, não existe cobrança de juros”.

Outra comunidade que se beneficia de uma melhoria na tecnologia bancária são grupos bancários da aldeia. Com grupos bancários, as pessoas acumulam dinheiro em reuniões semanais e usam os serviços bancários de forma coletiva. O Banco móvel permitiu que esses grupos enviassem o seu

dinheiro através de um sistema confiável. Isso ajudou a promover a ideia de contas conjuntas e desenvolvimento comunitário através da poupança coletiva.

Nkungula do Instituto de Banqueiros sabe que a cooperação com os reguladores nacionais é vital. “O sistema bancário da SADC tem nos associado a muitos países e membros”, diz ela. “Os bancos locais não podem trabalhar apenas dentro de Malawi, o crescimento será pequeno. O crescimento é mais rápido se se

relacionarem com outros bancos da região e também fora da África”.

Isso é confirmado pelas estatísticas bancárias da SADC, que mostram que o banco dentro da região atende uma necessidade fundamental de cidadãos e negócios. Em 2015, por exemplo, 55% das transações bancárias foram de um Estado Membro para outro.

Isso significa que homens e mulheres de fronteiras com ofertas tecnologicamente apropriadas para serviços de transação financeira que são apoiadas pelo Protocolo Financeiro e de Investimento da SADC estão em benefício e também estão preparados para servir melhor os seus clientes.

Protocolo da SADC:

A fim de acelerar o crescimento, o investimento e o emprego na região da SADC, os Estados membros em 2006 aprovaram o Protocolo da SADC sobre Finanças e Investimentos. O protocolo visa melhorar e facilitar a livre circulação de capital e mão-de-obra, bens e serviços e criar instituições e mecanismos adequados para atingir esses objetivos.

Compartilhamento do Ouro Branco da SADC

Cuidar dos recursos hídricos da região requer uma abordagem integrada para a gestão da água. É uma lição compartilhada pelos quatro membros da ORASECOM – Botswana, Lesoto, Namíbia e África do Sul – que estão a restaurar as zonas húmidas do Lesoto para manter vivo o rio Orange-Senqu.

Quando a chuva cai sobre as terras altas do Lesoto, a 3.500 metros acima do nível do mar, ela escorre para o rio Orange-Senqu – um dos maiores rios da África. A uma distância de 2,200 km, atravessa a África do Sul e a Namíbia, com afluentes que se estendem para o Botswana.

Ao longo de seu curso o rio desempenha um papel económico vital para a população local. Nas terras altas do Lesoto, onde as barragens foram construídas para criar energia hidrelétrica, a venda das nascentes do rio Orange-Senqu gera 33% do Produto Interno Bruto do Lesoto. E, à medida que flui através da Gauteng, contribui 26% da economia da África do Sul.

Devido ao seu imenso valor para o seu país, o Basotho local se refere aos seus recursos hídricos como “Ouro Branco”. O sistema ribeirinho do Orange-Senqu é mantido pelas zonas húmidas das terras altas do Lesoto. As zonas húmidas absorvem a água durante a estação chuvosa e liberam-se periodicamente no sistema do rio, apoiando um fluxo constante e atenuando os

efeitos das inundações e da seca a jusante.

No entanto, nos últimos anos, a degradação das zonas húmidas reduziu a sua capacidade de reter e liberar água. Isto colocou em risco o fluxo de água em todo o sistema ribeirinho.

“Estamos conscientes de que as nossas pastagens estão a se deteriorar e que há escassez de água”, diz Mpiti Letse, Chefe da aldeia de Ha Tlhaku, na zona pantanosa de Khubelu, no Lesoto. “Há uma planta chamada Diphophotho que costumava crescer nos nossos campos, mas parou de crescer devido as ervas daninhas indesejáveis. Estamos a tentar certificarmo-nos que haja água potável para nós e para o nosso gado, e que a água no rio Qoadi flua, porque alimenta o rio Senqu, que é o rio da nação “.

Em 2000, os Estados-membros da SADC assinaram o Protocolo Revisto sobre Recursos de Água Compartilhados no interesse de melhorar a gestão compartilhada dos cursos de água da região. O protocolo viu a criação de uma série de órgãos, entre eles a Comissão do Rio Orange-Senqu (ORASECOM), que existe para

gerir o sistema do rio Orange-Senqu entre os quatro países que fazem parte dele: Botswana, Lesoto, Namíbia e África do Sul.

“Existem 15 cursos de água compartilhados na SADC, cada um com seus próprios problemas”, diz Phera Ramoeli, Alto Funcionario do Programa de Água da SADC. “O ORASECOM tem várias iniciativas bem-sucedidas. Agora têm uma estratégia de gerenciamento de recursos hídricos de pleno direito, que leva em consideração todas as suas iniciativas para garantir que os recursos hídricos da Orange-Senqu sejam administrados para evitar possíveis conflitos entre as nações “.

Uma fonte potencial de conflito é o sobre pastoreio em áreas húmidas do Lesoto, que começa a ter efeitos negativos sobre os recursos a jusante. O projeto Proteção do Fontes de Águas de Orange-Senqu (Sponge) trabalha com o Departamento de Range Resources e com o Departamento de Águas do Lesoto para enfrentar a degradação do meio húmido através de uma técnica conhecida de gestão holística de pastoreio.





O Lesotho Highlands, a 3500 m acima do nível do mar

“De acordo com o censo de 2006, tínhamos 70.000 unidades de animais no Lesoto, diz Dr. Rats’ele Rats’ele, Diretor do Departamento de Gestão dos Recursos da Gama. Uma unidade animal refere-se à massa áspera de um gado ou ao peso equivalente de gado menor.

“Cada unidade animal requer por ano oito hectares de terra para pastar de modos a evitar a degradação da terra”, diz ele. “No entanto, temos apenas dois milhões de hectares de pastagem, então, se você fizer a matemática, você vê que precisamos de uma área quase três vezes maior que o Lesoto para o nosso gado”.

O projeto Sponge trabalha com os moradores das zonas húmidas para estabelecer associações de pastagens compostas de partes interessadas dentro das zonas húmidas.

Uma técnica implementada pelas associações de pastoreio é chamada de pastagem de alta densidade. No passado, os

criadores de gado permitido gado variar livremente durante o dia, deixando-os para comer somente as plantas mais palatáveis de sua escolha. Isso acelerou a dizimação destas plantas e criou um vazio no ambiente, levando à degradação das pastagens. Ao implementar pastagens de alta densidade, os pastores restringem os pastos de gado para áreas limitadas, dando as plantas empobrecidas em outras áreas, tempo para brotar.

“Estamos a praticar pastos

rotativos/ agricultura com a esperança de manter todas as pastagens em boas condições”, diz Chief Letse. “Os benefícios da pastagem rotativa serão evidentes durante a temporada de inverno, porque ainda haverá comida suficiente para o nosso estoque de vida. Outro benefício é que impede a erosão do solo durante fortes chuvas ou em dias de muita ventania.”

Ao manter as zonas húmidas funcionais, os quatro países do rio



As zonas húmidas do Lesoto mantêm o fluxo de Orange-Senqu

Orange-Senqu se beneficiam de uma melhor gestão do pastoreio pelos pastores nas Montanhas Lesotho.

O projeto Sponge também está a observar um impacto na vida das pessoas nas associações de pastoreio. Antes do projeto, os agricultores esperavam taxas de gestação de 30 a 40% no gado, mas agora os agricultores envolvidos nas associações de pastagem relatam 100% das taxas de gestação. Outros relatam rendimentos relativamente mais elevados de lã e mais rebanhos de ovinos e caprinos.

“Quando o projeto começou apenas algumas associações de pastores queriam participar”, diz o Chefe da Divisão de Recursos Hídricos do Departamento de Águas do Lesotho, o Dr. Makomereng Fanana.

“Agora, quase todas as associações de pastores querem participar. Mesmo comunidades tão distantes como Maseru (300km de distância) estão a se aproximar dos nossos escritórios para treinamento”, diz ele. O número de associações de pastoreio que desejam se

envolver já ultrapassou todas as expectativas.

“Isso mostra o sucesso que vem de Khubelu,” diz Dr. Fanana. “Estamos ansiosos em expandir [o projeto] para o resto do país. Nós temos as reais contribuições de salvar as zonas húmidas; Nós temos uma fórmula vencedora”.

E esta fórmula vencedora mostra que os problemas complexos que afetam as pessoas através das fronteiras nacionais podem ser resolvidos por pessoas no terreno trabalhando em

conjunto - para criar uma solução com benefícios regionais.

Protocolo da SADC:

O Secretariado ORASECOM é uma das muitas instituições que deriva do Protocolo Revisto sobre Cursos de Água Compartilhados aprovado em 2000. O protocolo exige a formação de instituições para os 15 principais cursos de água compartilhados na região da SADC para gerenciá-los de forma sustentável, equitativa e razoavelmente em direção aos objetivos da SADC no alívio da pobreza e integração regional.



O projeto mostra que os pastores podem impactar todo o sistema ribeirinho

Uma Viagem para o Desenvolvimento

Plano Diretor de Desenvolvimento de Infraestrutura Regional da SADC (RIDMP) e o Protocolo da SADC sobre Transportes, Comunicações e Meteorologia sustentam os corredores de desenvolvimento regional.

A linha férrea que liga Moatize-Nacala ilustra os benefícios dos corredores com base em infraestrutura bem conservada e serviços de transporte contínuos.

Em Novembro de 2016, partiu o primeiro comboio e autocarros a percorrer os 912 quilómetros entre as jazidas de carvão da província de Tete em Moçambique e o novo porto de Nacala. A linha férrea que atravessa o Malawi é uma importante ligação entre a província de produção de carvão e o principal porto mais próximo. A chegada do comboio a Nacala inaugurou uma nova era para a SADC.

Enquanto o porto da Beira lidava com carregamentos de carvão no passado, não conseguiu lidar com o aumento da capacidade, tornando necessário construir uma linha para o Malawi, onde se juntaria a uma linha existente que precisava ser atualizada.

A linha férrea Nacala-Moatize é um dos corredores sob a jurisdição

do RIDMP e foi entregue por uma parceria público-privada com o governo de Moçambique.

O conceito de corredores espaciais e iniciativas de desenvolvimento territorial visa facilitar o desenvolvimento do comércio, indústria, agricultura, mineração, energia, turismo e outros recursos. Esses recursos são inerentes nas zonas atravessadas por redes regionais de infraestrutura tais como estradas e ferrovias.

A RIDMP, aprovado em 2012, pelos Estados Membros da SADC, é o modelo para concretizar o conceito na prática. Para o corredor de Nacala, isso significou gerar retornos de investimento a longo prazo, focando trabalhos na região para reduzir a pobreza, facilitando o crescimento do agronegócio e contribuindo para o progresso económico, social e ambiental.

O Banco Africano de Desenvolvimento providenciou US \$ 300 milhões para o Malawi e Moçambique para melhorar a infraestrutura e garantir a manutenção da linha ferroviária. Pequenas e médias empresas eram destinadas ao crescimento pelo banco de desenvolvimento.

Um trecho da linha férrea existente tinha um limite de velocidade de 10 km por hora. Após a renovação, os comboios podem funcionar ali, em até 60 km por hora. Através de tais melhorias, o carvão, agora pode ser transportado de Moatize para Nacala em metade do tempo que levava anteriormente.

A diretora do corredor, Sara Taibo, disse que o sucesso do Corredor de Desenvolvimento de Maputo, que liga a capital de Moçambique à África do Sul, ajudou a garantir fundos para projetos similares.



“Eu sou agora um proprietário orgulhoso duma bela casa que eu construí com meu próprio dinheiro - algo que eu nunca sonhei que aconteceria na minha vida.”

Hillgud Kukhala
Ex-trabalhador da construção civil



“Foi com base na história de sucesso do corredor de Maputo que o mesmo conceito foi replicado para os corredores de Beira e Nacala e posteriormente para a Zambézia com a intenção de transportar carvão de Moatize”, diz ela.

“A intenção é que esses corredores não se limitam a manipulação de carvão, mas também para lidar com outras cargas e mercadorias provenientes de países vizinhos.”

O corredor será capaz de transportar mais de 20 milhões de toneladas de carvão por ano, cujos destinos incluirá as Américas, Ásia Oriental, Europa e Índia, entre outros.

“Neste momento, estamos com uma capacidade de 18 milhões de toneladas de carvão por ano e uma capacidade de 4 milhões de toneladas de carga geral,” diz Taibo.

Em 2016 a rota manejou 631 mil toneladas. “Este ano, espera-se

lidar com 2,1 milhões de toneladas e 85 000 de carga contentorizada,” ela diz.

Parte do desafio da construção era que a nova faixa devia ser colocada entre Moatize, em Moçambique e se conectar com a linha férrea existente perto de Liwonde no sul do Malawi.

O engenheiro de cinquenta anos, Hillgud Kukhala, foi um dos trabalhadores da construção civil empregados para trabalhar em partes da ferrovia. Kukhala disse que ele não tinha ideia de que mudaria a sua vida.

“Eu sou agora um proprietário orgulhoso duma bela casa que eu construí com meu próprio dinheiro - algo que eu nunca sonhei que aconteceria na minha vida”, diz Kukhala.

Além da casa, ele agora é dono de um rebanho de gado e ajuda a sua mãe viúva com as despesas mensais.

Mas os benefícios foram para além dos trabalhos de construção e transporte ferroviário mais rápidos: Como resultado da demanda tecnológica de programação, o setor de TIC que apoia a gestão ferroviária



Espera-se que a ferrovia leve 2,1 milhões de toneladas de carga

Protocolo da SADC:

Através do Protocolo da SADC sobre Transportes, Comunicações e Meteorologia, assinado em 1996, os Estados-Membros concordaram em estabelecer transportes, comunicações e sistemas de meteorologia que fornecem eficiente, rentável e infra-estrutura e operações totalmente integradas que melhor atendam às necessidades dos clientes e promover economia e desenvolvimento social, sendo ambiental e economicamente sustentável.

se beneficiou. E uma estrada de acesso entre Nampula e Nacala para apoiar a construção do corredor foi atualizada e agora está a ser utilizada pelos motoristas.

O objectivo geral do protocolo da SADC sobre Transportes, Comunicações e Meteorologia é “criar sistemas de transporte, comunicações e meteorologia que providenciem infraestrutura e operações eficientes, económico e totalmente integradas, que melhor atendam as necessidades dos clientes e promovam o desenvolvimento económico e social, desde que ao mesmo tempo seja ambientalmente e economicamente sustentável

O RIDMP foi instituído depois da SADC se aperceber que os bens que se deslocam dos países da SADC sem litoral aumentariam de 13 milhões de toneladas em 2009 para 50 milhões de toneladas em 2030 e 148 milhões até 2040, com uma taxa média de crescimento anual de 8,2%. O tráfego total da porta na África Austral passará de 92 milhões de toneladas em 2009 para 500 milhões de toneladas até 2027.

A SADC diz que as atualizações



do transporte e do corredor pelo RIDMP custarão US \$ 100 bilhões ao longo de quinze anos. A maioria dos portos regionais maneja apenas 30-50% da carga em trânsito, o que significa que os portos secundários precisam ser desenvolvidos rapidamente.

Muitos portos da SADC, atualmente estão a operar perto da capacidade e alguns dos fatores que atrasam a carga incluem

as instalações rodoviárias, ferroviárias e portuárias precárias e as lentas libertações pelas agências reguladoras.

Reforçar a infra-estrutura da região, expandindo e aproveitando melhor os portos de águas profundas existentes, como Nacala e Walvis Bay, são fatores importantes para apoiar os desenvolvimentos futuros da economia da SADC.

KAZA Desenvolve e Nutre o Turismo da Região

Área de Conservação Transfronteiriça de Kavango Zambeze contém um produto de turismo de classe mundial e fornece os meios para sustentá-la.

No fundo da região da SADC, a Área de Conservação Transfronteiriça de Kavango Zambezi (KAZA TFCA) - uma área de conservação de vida selvagem em larga escala - está a criar uma plataforma única para a conservação dos recursos naturais da região.

Dentro do Parque Nacional Hwange no Zimbábue, na ponta sudeste da KAZA TFCA, o Projeto Trans Kalahari Predator usa uma abordagem notável para restaurar a relação entre moradores locais e leões.

O projecto equipa membros da Comunidade com telefones celulares para comunicação, uma bicicleta para a mobilidade e uma vuvuzela, um instrumento tradicional Africano, para fazer barulho. Essas pessoas, conhecidas como Long Shields, seguem com orientação de dados de satélite para fazer barulho, afastando os leões do gado pertencente as comunidades dentro de Hwange. Ao fazer isso, eles reduzem os conflitos entre os predadores e os moradores do KAZA TFCA.

“Quando os leões matam animais que afetam negativamente as comunidades,

quando as pessoas locais vêem uma vaca ou uma cabra ou um burro, eles vêem as suas contas bancárias. Eles podem vender uma vaca por algumas centenas de dólares e enviar o seu filho para a escola”, diz Lovemore Sibanda, Coordenador do Projeto do Long Shields Lion Guardian Programme. “Nossa pesquisa mais recente sugere que matar em retaliação pelos agricultores é a maior causa do declínio do leão em Hwange.”

“Vamos frequentemente para gestão de parque e alertamos quando há um ‘animal problemático’. Nós saímos com as nossas vuvuzelas e eles saem com suas espingardas, e porque nós coordenamos as nossas ações, achamos que somos bem-sucedidos em perseguir leões (afastar).”

À medida que os seres humanos avançaram nas rotas migratórias e nas áreas de dispersão de grandes mamíferos, houve declínio nessas espécies. O número de leões em África diminuiu de cerca de 450 mil na década de 1940 para pouco mais de 20 mil hoje. Entre 3.000 e 4.000 destes vivem no KAZA TFCA.

“A vida selvagem contribui massivamente

para o desenvolvimento socioeconómico da região”, diz o Dr. Paul Funston, Diretor Sênior do Programa de Lion and Cheetah for Panthera. “Os leões são a espécie número um que os turistas querem ver na África. Nas áreas onde você tem uma indústria de turismo fotográfico, um leão poderia valer cerca de US \$ 100.000 durante a sua vida”.

Os Estados Membros da SADC se mobilizaram para proteger esses animais ecologicamente e economicamente importantes através da área de conservação. Os chefes de estado de Angola, Botswana, Namíbia, Zâmbia e Zimbabwe assinaram o Tratado de KAZA em 2011. O tratado expandiu e juntou as áreas de conservação existentes em cada Estado-Membro, levando a criação de uma das maiores áreas de conservação do mundo.

Com 36 parques nacionais e reservas de caça cobrindo 520 mil quilómetros quadrados - quase o tamanho do Botswana - o KAZA TFCA hoje é a maior área de conservação transfronteiriça do mundo. Abriga algumas das atracções turísticas mais espetaculares da região, que vão desde Victoria Falls na fronteira Zâmbia-Zimbabwe até o Delta do Okavango.





Uma rede de conservação das ONGs opera no/a KAZA TFCA

O apoio da SADC levou também à harmonização das políticas e regulamentos transfronteiriça, bem como ao desenvolvimento da infraestrutura na TFCA. Em conjunto com a introdução da SADC Univisa, isso permite que os turistas se movam com maior facilidade entre as diferentes atrações.

O KAZA TFCA está enraizado nos ideais do Protocolo da SADC sobre Conservação da Vida Selvagem e Aplicação da Lei. O protocolo compromete os Estados Membros a “promover a conservação de recursos de vida selvagem compartilhados através da criação de áreas de conservação transfronteiriças”. O mandato do Secretariado KAZA TFCA, que coordena os países parceiros da TFCA, complementa os principais objetivos consagrados no Plano

de Desenvolvimento Estratégico Indicativo Regional (RISDP), o Plano de Desenvolvimento da SADC para o período até 2020.

“Em 2015, um Plano Mestre de Desenvolvimento Integrado (MIDP) foi aprovado pelos países parceiros,” diz o Dr. Morris Mtsambiwa, Director Executivo do Secretariado da KAZA TFCA. “Para garantir o desenvolvimento integrado a nível regional, que identificou o seguinte como fundamental: gestão de recursos naturais, o desenvolvimento de meios de subsistência e desenvolvimento de infraestrutura e planeamento integrado do uso do solo.”

Esta bordagem em várias fases criou uma oportunidade única na área de KAZA. “O surgimento de abordagens

baseadas na comunidade para a conservação significa que as comunidades rurais estão cada vez mais no centro dos programas de conservação e desenvolvimento, tornando-os um papel fundamental no sucesso da KAZA”, diz o Dr. Mtsambiwa.

“Há uma série de produtos de turismo de cooperação transfronteiriça que estão a ser desenvolvidas em áreas de conservação transfronteiriça,” diz Deborah Kahatano, Responsável Senior do Programa para Recursos Naturais e Vida Selvagem no Secretariado da SADC.

“Vejo conservação e o turismo como duas faces da mesma moeda,” acrescenta. “O nosso turismo na África Austral é dependente da vida selvagem, então sem a conservação da natureza, o turismo perderia o seu produto mais proeminente. E sem turismo, não haveria suficientes recursos financeiros disponíveis para financiar os esforços de conservação necessária.”

“Como uma região, precisamos aprimorar esses recursos para que possamos compartilhar os benefícios,” diz Kahatano.

Um aspecto fundamental da abordagem da TFCA é a proteção dos ecossistemas naturais, que transcendem as fronteiras



O conflito predador humano é a principal causa de declínio do leão na KAZA

“Eu mesmo sou daqui, e agora eu sou um gestor de projeto por causa da vida selvagem.”

Lovemore Sibanda
Coordenador do Projeto do Long Shields Lion Guardian Programme
Parque Nacional Hwange no Zimbábue



Protocolo da SADC:

Para proteger e comercializar os produtos turísticos de classe mundial oferecidos pela região, o Protocolo da SADC sobre o Desenvolvimento do Turismo procura concretizar todo o potencial das capacidades de turismo da região da SADC através de um desenvolvimento sustentável e equitativo. O protocolo, assinado em 1998, visa comercializar a região como um único destino turístico e permitir a livre circulação de turistas na região.

nacionais.

“Se eu fosse olhar para um mapa da África e desenhar círculos em áreas com maior potencial de conservação, eu gostaria de desenhar catorze círculos, e doze

deles seriam TFCAs. Então, seria imediatamente claro que aprender a conservar entre fronteiras estaduais é importante para a sobrevivência de espécies de alto valor como elefantes e leões na África”, diz o Dr. Funston.

“KAZA é uma das grandes oportunidades para pesquisa e conservação. É maior, é mais complexo, e se podemos aprender como fazê-lo aqui, com certeza podemos aplicar essas lições em outras áreas na África.”

Dr. Funston envolveu-se recentemente em Fundar a Carnivore Conservation Coalition. De KAZA A coligação permite que o Secretariado da KAZA e uma rede de ONGs e pesquisadores dentro de KAZA compartilhem e harmonizar os dados. Em sintonia

com o espírito da SADC, promove a colaboração e integração das partes interessadas através das fronteiras para benefício mútuo.

O coordenador do Long Shields, Lovemore Sibanda está a se doutorar pela Universidade de Oxford, com base no trabalho de conservação do Projeto Hwange Predator.

“Desde o início do projeto, vimos um declínio de cinquenta por cento na violência entre comunidades e leões”, diz Sibanda. “Há esperança de que eles veem muitas pessoas se tornando empregadas como rastreadores, garçons, motoristas ou guias por si próprios por causa dos leões.

“Eu mesmo sou daqui, e agora eu sou um gestor de projeto por causa da vida selvagem.”



Os leões são os animais mais procurados para a indústria do turismo fotográfico

ACTFs Estabelecidos

Tratado Assinado

1. PT do /Ai/Ais - Richtersveld (Namíbia/África do Sul)
2. PT do Grande Limpopo (Moçambique/África do Sul/ Zimbabwe)
3. ACTF de Kavango Zambeze (Angola/Botswana/Namíbia Zâmbia/ Zimbabwe)
4. PT Kgalagadi (Botswana/África do Sul)

Protocolo Assinado

5. ACTF de Lubombo (Moçambique/África do Sul/Suazilândia)
6. ACTF Maloti - Drakensberg (Lesoto/África do Sul)

ACTF EM PROCESSO DE CRIAÇÃO

MoU Assinado

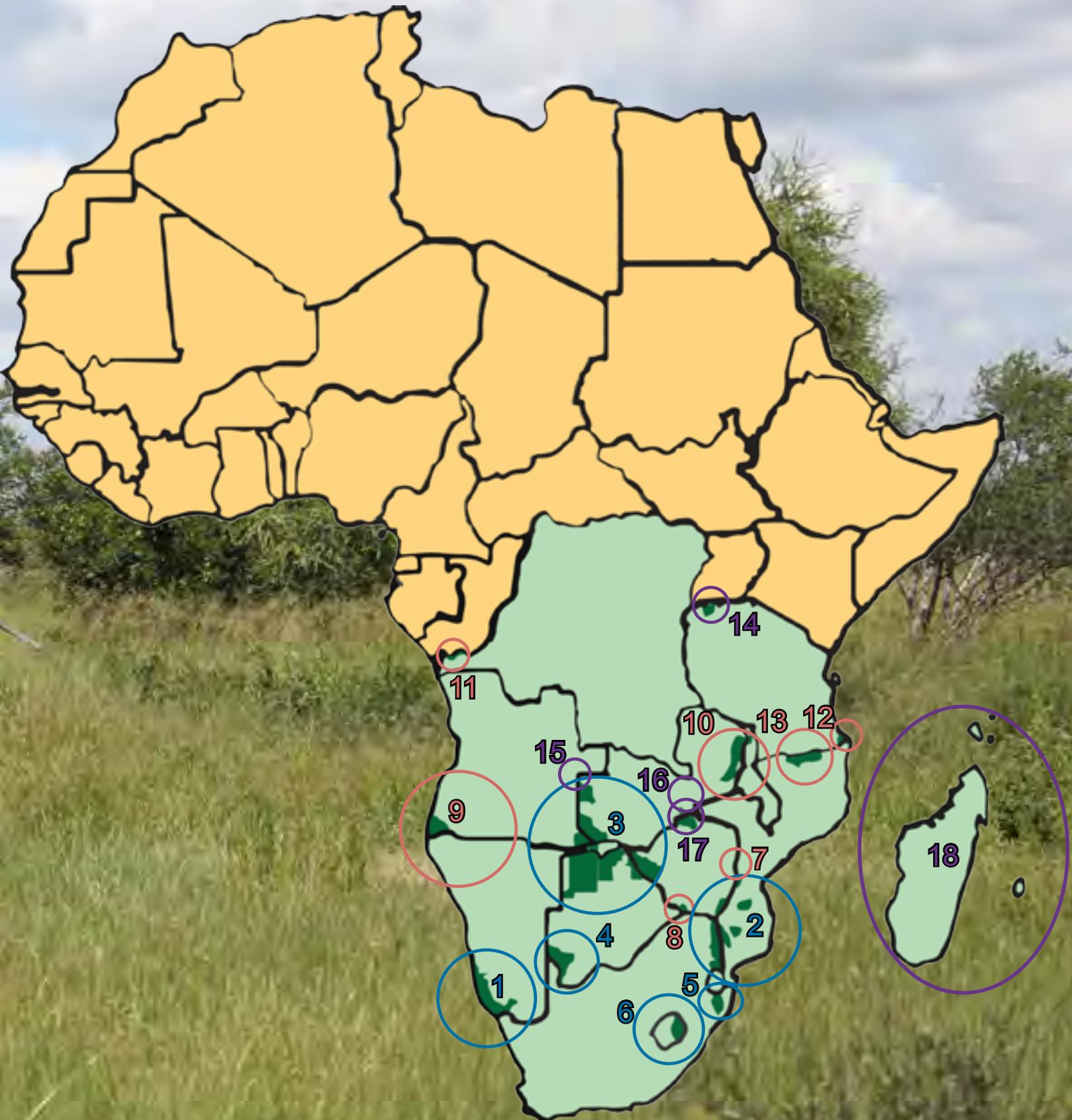
7. ACTF de Chimanimani (Moçambique/Zimbabwe)
8. ACTF do Grande Mapungubwe (Botswana/África do Sul/ Zimbabwe)
9. ACTF da Costa Iona - Skeleton (Angola/Namíbia)
10. ACTF Malawi - Zâmbia (Malawi/Zâmbia)
11. ACTF da Floresta de Maiombe (Angola/Congo/RDC)
12. Mnazi Bay - Quirimbas TFCMA (Tanzânia/Moçambique)
13. ACTF Selouse - Niassa (Tanzânia/Moçambique)

ACTFS CONCEITUAIS

14. ACTF Kagera (Ruanda/Tanzânia/Uganda)
15. ACTF do Liuwa e Mussuma (Angola/Zâmbia)
16. ACTF de Mana Piscinas do baixo Zambezi (Zâmbia/ Zimbabwe)
17. ZIMOZA TBNRMP (Moçambique/Zâmbia/Zimbabwe)
18. ACTF Oceano Índico Ocidental (Comores/França/Madagáscar/Maurícia Moçambique/Seychelles/Tanzânia)



Plataformas Únicas da SADC para Conservação



Combater as Alterações Climáticas em Conjunto

Uma abordagem comum e fortes instrumentos regionais estão a apoiar os Estados insulares da SADC, que estão mais em risco do impacto das alterações climáticas.

É um dia turbulento e nublado na cidade de Curepipe, a poucos quilómetros ao sul da capital das Maurícias, Port Louis. Mas isso não impede as meninas da 13a Classe do colégio 'Hindu Girls' de subir as escadas para o telhado para mostrar o seu orgulho e alegria – uma matriz/série de painéis solares. É a resposta das escolas às alterações climáticas e eles estão muito a frente dos seus pares em muitas partes do mundo.

A reitora da escola Andrea Gungadin está entusiasmada com o projeto.

“Em 2011 os membros do Conselho decidiram começar a usar a energia sustentável, depois que o governo das Ilhas Maurícias tinha iniciado uma campanha em torno destas questões,” ela diz. A escola pesquisou energia solar e “a decisão foi tomada para configurar um sistema solar fotovoltaico de três quilowatts no telhado da escola”.

As células fotovoltaicas convertem a energia do sol diretamente em eletricidade, que depois é armazenada numa bateria grande chamada de inversor e fornece a maioria

das necessidades de energia da escola. As Ilhas Maurícias não têm depósitos de petróleo ou gás e foi forçado a importar grandes geradores a gás que produzem eletricidade.

A 'Central Electricity Board', uma empresa de propriedade do governo, fornece cerca de 40% da eletricidade vendida no sistema da rede, com o restante gerado por produtores de energia independentes. Enquanto a maioria da geração está baseada em carvão importado ou gás, alguns produtores queimam uma mistura de resíduos agrícolas de plantações de açúcar e carvão.

A demanda de eletricidade das Maurícias cresce em pouco mais de 3% ao ano e um método alternativo para fornecer energia é necessário em uma ilha banhada pelo sol. É também óbvio para aqueles em educação que esta mensagem precisa se filtrar para os cidadãos.

“Nos levamos regularmente os nossos alunos lá para observarem o sistema e ver que eles serão capazes de usar estas ideias nas suas próprias casas quando eles crescem e continuarem com esta visão de uma Ilha Maurícias, sustentável,” diz Gungadin.

Outras escolas na área – e de outros países da SADC como Seychelles e Tanzânia – copiaram a ideia num momento em que a energia solar está a se tornar mais importante como parte da resposta às mudanças climáticas.

Um aluno da 13a Classe, Urmila Motar reconhece que o projeto é relevante para além das margens das Maurícias. “SADC e outras organizações têm apoiado a energia alternativa e neste novo milénio, é muito importante notar que projetos como estes são o futuro”, diz ela.

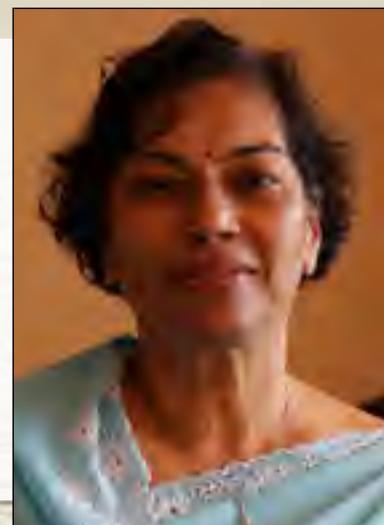
Outro exemplo para o uso inovador de energia solar é encontrado na Zâmbia, onde o sol alimenta energia para as bombas de água para a agricultura. Ao norte da capital da Zâmbia, Lusaka, o agricultor Elias Moyo explicou como ele construiu sua própria bomba solar.

“Agora posso cultivar árvore-do-pão, tomate, pimenta, cebolas e quiabo. Quando está seco, eu ligo a bomba num dia ensolarado e encho o tanque,” diz ele, apontando para um grande tanque de plástico verde. Para os agricultores como ele, isso significa aumento da produtividade.



“SADC e outras organizações têm apoiado a energia alternativa e neste novo milénio, é muito importante notar que projetos como estes são o futuro.”

Andrea Gungadin
Reitor da escola
Faculdade de meninas Hindu, Curepipe



Para recarregar telefones celulares para fornecer energia para as luzes para que as crianças da escola possam fazer o dever de casa à noite, a energia solar melhora inúmeras vidas na região.

Na capital das Maurícias, um adaptador inicial de energia verde e um dos mais entusiastas especialistas de energia sustentável da SADC é o Ministro do Meio Ambiente, Etienne Sinatambou.

“O desafio para as Maurícias é a coisa mais extremo na SADC. Se você observar o relatório mundial da ONU de 2016, nós somos o sétimo país ilha no mundo mais exposto a subida do nível do mar,” ele disse.

Política da SADC:

A mudança climática é de relevância principal para a SADC, levando nos ao Documento de Política da SADC sobre mudanças climáticas em 2012. O documento orienta a região perante mudanças climáticas, sugerindo que seja multidisciplinar, inovando silos em níveis nacionais e sectoriais. Ele harmoniza a região da visão de enfrentar os impactos das mudanças climáticas através da implementação bem sucedida de ações de adaptação e mitigação para melhorarr a resiliência econômica, social e regional.

Outros países da SADC na lista dos países expostos incluem Madagáscar e Moçambique.

“Nós já vimos o aumento acelerado do nível do mar, acentuada erosão da praia, um aumento na frequência e a intensidade das condições meteorológicas extremas e um padrão de diminuição das chuvas, então estamos em perigo de inundações periódicas,” disse Sinatambou.

“De 2003 a 2017, o aumento do nível do mar mais que duplicou em comparação com a média dos últimos 25 anos, e ainda o nosso nível de precipitação caiu para os níveis anteriores a 1930, então precisamos ter cuidado”.

Vinte por cento das praias das Maurícias está a sofrer erosão a longo prazo. Para um país que gera mais de 30% do seu produto interno bruto de turismo, este é um risco significativo daqui para a frente.

Como o antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Integração Regional, Sinatambou está bem colocada para discutir o papel da SADC em torno das Nações de Insulares.

“Agora, a SADC está a apoiar os países na região em matéria de

mudança climática”, diz ele. Como exemplo, ele cita as negociações sobre o clima global em Paris em 2015, onde a SADC apresentou uma plataforma para uma posição comum.

A posição comum dos Estados-Membros para as negociações da chamada COP21 incluiu uma ênfase sobre a adaptação às alterações climáticas e também focar a mitigação através de financiamento, transferência de tecnologia e, adoção e capacitação. Para a África Austral como uma das regiões mais expostas ao aumento da temperatura e mudanças nos padrões climáticos, a estabilização da quantidade de carbono na atmosfera, enquanto é capaz de desenvolver suas economias, é de suma importância. Ao falar com uma só voz, os Estados-Membros asseguraram que foram ouvidos no cenário global.

A mudança climática também é um aspecto importante no Plano Estratégico Indicativo para o Desenvolvimento Regional (RISDP) que está a orientar a agenda da SADC até 2020. Isso levou à formulação de iniciativas regionais como o Documento de Políticas da SADC sobre

Mudanças Climáticas, a Estratégia de Adaptação às Mudanças Climáticas do Sector de Águas da SADC e a Estratégia e Plano de Ação da SADC sobre Mudanças Climáticas.

Sinatambou acredita que o impulso para uma acção conjunta está a ganhar. “Agora temos na SADC, a votação sobre o desenvolvimento de um programa regional da mudança climática, que é ótimo,” ele diz. “O que vemos agora é a SADC trabalhar com a Comissão do Oceano Índico para um plano coeso para enfrentar essa ameaça”.

“Os organismos regionais estão a trabalhar juntos e as pessoas da região querem ver resultados positivos”, acrescenta Sinatambou. “O nosso povo não apenas precisa, mas merece ser ajudado, e a melhor maneira para que isso aconteça é mostrar resultados concretos.”

O RISDP também prevê planos de resposta para emergências e o ministro do Meio Ambiente disse que seu país já implementou esse plano nas Maurícias.

“Aqui o sistema de alerta precoce contra as ondas de tempestade possui um sistema de



Mauriciano Ministro do Meio Ambiente Etienne Sinatambou

alerta de seis dias que determina tanto onde a água irá atingir na ilha como quão ruim será. É este tipo de plano específico que é muito bem-vindo por todos os Estados Membros da SADC.”

O Secretário Executivo da SADC, Dr. Stergomena Lawrence Tax diz que o sucesso só pode ser garantido através de Integração regional e harmonização de sistemas e projetos.

“O compromisso não deve ser apenas dizer ‘Estou

comprometido’. Precisamos também de implementar as ideias. Isso precisa ser feito por todos nós, em diferentes níveis, o governo, do setor público e o setor privado”, diz o Dr. Tax.

À medida que os projetos de energia solar escolares destacam nas Maurícias, a abordagem da região relativamente a mudança climática colocou a inovação na vanguarda do desenvolvimento de modelos alternativas de energia na África Austral.



A decima primeira classe de ciências da Hindu Faculdade de meninas, Curepipe, Maurítius

**Produzido com o apoio do
Secretariado de Comunicações da SADC e
Unidade de Relações Públicas**



Implemented by:



Equipa de Produção

Des Latham - Chefe do projeto
Campbell Easton - Videográfico e fotógrafo
Nasya Smith - Design e Layout, e Videográfico
Keegan Latham - Videográfico
Candice Wagener - Fotógrafo
Paula Fray - Supervisão editorial
Tafadzwa Rafemoyo - Ligação administrativa
Joselyn Taruona - Supervisão administrativa

**Secretariado da SADC
Plot 54385 New Central Business District (CBD)
Private Bag 0095,
Gaborone, BOTSWANA
Website: www.sadc.int
Registry@sadc.int or prinfo@sadc.int
Tel: 00267 3951863**



ISBN 978-99968-448-7-4